

CAPÍTULO 5

ENTRE A LÍNGUA E A HISTÓRIA: O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E OS SABERES DAS NARRATIVAS DOS “DESCOBRIDORES” DAS TERRAS AMAZÔNICAS BRASILEIRAS

Data de submissão: 04/02/2025

Data de aceite: 01/04/2025

Luciano Santos de Farias

Professor/alfabetizador da Educação de Jovens e Adultos –EJA/Estado do Acre. Mestre em Letras: Linguagem e Identidade – Universidade Federal do Acre
<http://lattes.cnpq.br/8262025539027964>
<https://orcid.org/0000-0002-5701-7773>

Raimara Neves de Souza

<http://lattes.cnpq.br/0304282875939583>

RESUMO: O texto em questão aborda uma reflexão sobre a importância do conhecer a respeito do conjunto de narrativas a propósito da Amazônia por parte dos professores de Língua Portuguesa, sendo assim, apresenta como objetivo a leitura e síntese comentada dos registros escritos por alguns autores que, em diferentes épocas, estiveram durante um período ou passaram pela região amazônica brasileira desde o início da colonização brasileira até a modernidade. Na introdução são tecidos comentários sobre as características do lugar Amazônia e os aspectos discursivos/narrativos que a compõe. Na segunda parte reflete-se sobre a condição de ser professor de Língua Portuguesa neste ambiente. A terceira parte é composta pelas

observações às narrativas dos primeiros cronistas: Alonso Mercadillo, Diogo Nunes, Gonzalo Pizarro, Francisco de Orellana, Gonzalo Fernandez de Oviedo, Frei Gaspar de Carvajal, Mauricio de Heriarte e o Padre Parrisier e os seus recortes sobre os lugares e suas gentes. A quarta parte do texto faz referência ao período dos cronistas modernos: Euclides da Cunha, Carlos Chagas e Osvaldo de Andrade, com a ênfase discursiva nos problemas sociais do lugar, como saúde, cultura e arte. A quinta e última parte põe foco na narrativa de Ana Pizarro sobre a Amazônia do final do século XIX e início do XX, com a exploração da borracha por meio da extração do látex e o caucho, que chamaram a atenção dos viajantes desde os primeiros séculos da exploração, juntamente com o surgimento de personagens nativos que vão permear as histórias e os relatos sobre o tráfico das riquezas naturais da terra.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Língua Portuguesa. Crônicas sobre a Amazônia. Discursos e Narrativas da Amazônia.

BETWEEN LANGUAGE AND HISTORY: THE PORTUGUESE LANGUAGE TEACHER AND THE KNOWLEDGE OF THE NARRATIVES OF THE “DISCOVERERS” OF THE BRAZILIAN AMAZON LANDS

ABSTRACT: The text in question addresses a reflection on the importance of knowing about the set of narratives regarding the Amazon by Portuguese language teachers, therefore, its objective is to read and comment on the synthesis of records written by some authors who, in different times, were during a period or passed through the Brazilian Amazon region from the beginning of Brazilian colonization until modernity. The introduction contains comments on the characteristics of the Amazon place and the discursive/narrative aspects that make it up. The second part reflects on the condition of being a Portuguese language teacher in this environment. The third part is made up of observations on the narratives of the first chroniclers: Alonso Mercadillo, Diogo Nunes, Gonzalo Pizarro, Francisco de Orellana, Gonzalo Fernandez de Oviedo, Frei Gaspar de Carvajal, Mauricio de Heriarte and Father Parrisier and their excerpts about the places and its people. The fourth part of the text refers to the period of modern chroniclers: Euclides da Cunha, Carlos Chagas and Osvaldo de Andrade, with the discursive emphasis on the social problems of the place, such as health, culture and art. The fifth and final part focuses on Ana Pizarro's narrative about the Amazon at the end of the 19th century and beginning of the 20th, with the exploitation of rubber through the extraction of latex and rubber, which caught the attention of travelers since the first centuries of exploration, along with the emergence of native characters that will permeate the stories and reports about the trafficking of the earth's natural riches.

KEYWORDS: Teaching Portuguese Language. Chronicles about the Amazon. Discourses and Narratives from the Amazon.

INTRODUÇÃO

Este texto aborda uma reflexão sobre a importância, para os professores de Língua Portuguesa, do conhecimento sobre um conjunto de imagens e narrativas a propósito da Amazônia realizada por meio dos registros escritos por sujeitos que estiveram durante um período ou passaram rapidamente pela região amazônica brasileira durante a sua colonização impulsionados pelas mais diversas razões, deixando marcas de tinta sobre papel a respeito dos costumes e características dos povos originários (indígenas), contribuindo para a construção do imaginário interpretativo a propósito do lugar Amazônia.

Este lugar, esta área de floresta, há séculos vem povoando a mente e o discurso de brasileiros e estrangeiros que influenciados pelos primeiros e atuais cronistas em épocas distintas, pensaram e nomearam os recantos “descobertos” conforme sua visão de mundo colonizadora e reproduutora dos costumes europeus, caracterizados como costumes representativos e bem particulares vivenciados no lugar de onde partiram, principalmente em relação à nação portuguesa, tendo em vista que a sua língua tornou-se oficializada como a principal língua brasileira.

O dado concreto e coincidente é que a Amazônia sempre foi narrada como área exótica, grandiosa, assustadora, quente, úmida, isolada e misteriosa, ou seja, um lugar que oferece a oportunidade de experiências bem diferenciadas de outros locais de clima mais ameno ou de vegetação menos densa. E sendo assim, ao mesmo tempo em que considerada incômoda pelas altas temperaturas, chamou a atenção e atraiu pesquisadores/exploradores, tendo em vista a sua riqueza mineral, vegetal e animal.

Para alguns é uma região que deve ser ocupada, modificada (desenvolvida), segundo o modelo capitalista vigente desde as primeiras navegações. Para outros, deve ser preservada, intocada ou sustentabilizada, de maneira a que gere riquezas sem deixar de ser esse patrimônio natural tão exuberante.

Sendo assim, a consciência cidadã de habitante deste lugar alerta para a observância de que tudo isso faz parte de um jogo de interesses e forças econômicas multinacionais que tramam e desenham combinações pactuadas no sentido de expandir e reforçar interesses que tornam a Amazônia um objeto de desejo para os países mais ricos e dependentes de matérias primas que sustentem as suas indústrias de exportação (Nascimento, 2007).

No processo histórico de desenvolvimento e de colonização da Amazônia, mais especificamente a Amazônia Brasileira, desencadeado pelos europeus desde o século XIV, muitas foram as fases e os motivos que justificaram as aproximações e intervenções, porém, ainda hoje as populações desta região se veem povoadas por essa misteriosa capacidade de atração que a floresta exerce sobre estrangeiros e brasileiros em geral.

Essa reflexão aqui exposta ou caminho de entendimento sobre as narrativas de cunho colonialista se embasa na perspectiva de ampliação do conhecimento necessário para o ensino da Língua Portuguesa e na consideração de que este idioma foi e ainda é central para a difusão das imagens e narrativas sobre a Amazônia desde a sua colonização e a percepção das diferentes facetas do processo de ocupação e descrição do mundo Amazônico, conforme a visão dos narradores aqui citados.

Sendo assim, ao realizar a leitura dos textos elencados neste breve estudo, vê-se que estes trazem as representações sobre o lugar Amazônia, de acordo com a sua época e contexto. Desta forma, experimenta-se a sensação de que as impressões dos narradores de certa forma são movidas por impactos de surpresa, tendo em vista as surpresas causadas pela experiência no lugar real em confronto com o lugar imaginário muitas vezes descrito como paradisíaco.

Em atenção ao simbolismo projetado por meio do Hino do Acre, por exemplo, verifica-se que este é executado em todas as cerimônias oficiais nas escolas ou em instituições de outros poderes como uma forma reverência ao lugar de belezas naturais infinitas e de um povo aguerrido e conquistador, porém, isentas dos problemas de poluição e de perseguição às comunidades originárias causados pelos seus habitantes colonizadores.

Estes momentos são breves minutos de emoções que poderiam facilmente ser desfeitos ou desconstruídos se fossem utilizadas referências que questionassem estas imagens de um lugar pleno e harmonioso, pois, é no campo da produção histórica do imaginário social, da construção subjetiva de uma cartografia sentimental, do delineamento dos territórios existenciais, da análise das configurações discursivas, que se vê o que os olhos não veem (Albuquerque Júnior, 2011).

A análise crítica do discurso pode causar uma demolição neste sentido, e aos poucos causar um sabor indigesto por se ter a noção de que a Amazônia ou o próprio sentimento de pertencimento a um lugar faz parte de uma imagem discursiva que valoriza e formata um imaginário que está se construindo desde a chegada dos primeiros narradores, que por aqui passaram com o sentido e missão de explorar o desconhecido, obter informações sobre quais utilidades essa área de floresta densa teria para proporcionar mais riquezas às suas coroas, nos primeiros passos para a colonização definitiva do lugar.

DESAFIOS E CONQUISTAS: A EXPERIÊNCIA DE SER PROFESSOR NA AMAZÔNIA

O lugar denominado Amazônia mais do que nunca está presente no universo vocabular da população brasileira em geral e certamente no das populações que habitam esta região, assim como no universo vocabular dos professores da educação básica que trabalham nas escolas públicas e privadas de Rio Branco, capital do Estado do Acre, situado no extremo Oeste do Brasil.

Neste sentido, a preservação ambiental deste lugar tornou-se uma postura emblemática e bem próxima das comunidades escolares de Rio Branco e isto é similar em outros municípios e certamente o é em outros estados, tendo em vista que o exercício da profissão de professor oportuniza o contato com várias narrativas atualizadas sobre este lugar físico e ao mesmo tempo discursivo denominado de Amazônia.

Por volta dos anos 1990, antes da vinda definitiva para o Acre, já era detentor de uma imagem bem projetada sobre o lugar Amazônia, pois um grupo de amigos que aqui residiam faziam com maestria o papel de construtores deste mundo de representações.

Desta forma, a atuação na Educação Básica, mais precisamente na Educação de Jovens e Adultos – EJA, no contexto do Acre, permitiu e ainda permite experiências e encontros que reforçam o entendimento sobre este lugar, pois, a educação pode ser comparada a um motor que impulsiona a vontade de se chegar a novos conhecimentos por meio da pesquisa e do ensino sobre lugares físicos e discursivos, por meio de mergulhos mais ou menos aprofundados em antigos e novos conjuntos de representações.

Ser professor torna-se uma possibilidade de reencontro com novas formas de trato e de diálogo com as pessoas e obras literárias e documentais detentoras de diferentes pontos de vista sobre as coisas e os fenômenos. Ser professor na EJA é estar diante de narrativas experienciadas por seus próprios narradores, ao vivo, na sala de aula. Sendo assim, a docência pode ser colocada para além de uma profissão, mas, um jeito de ser e um exercício diário que cria e recria contornos de experiência.

A ênfase no ser professor situa-se na pretensão de estar colocado próximo ao semelhante (outros professores e alunos) que compartilham as experiências diárias dentro e fora da escola. Dessa forma, a situação educativa necessariamente coloca o sujeito em lugar de ser ativo e reflexivo, pois, estar na escola é situar-se num contexto de formação constante, é encontrar-se como alguém que contribui para a construção do pensamento, das imagens e, principalmente, dos discursos sobre lugares, coisas e pessoas.

Sendo assim, é possível caracterizar o ensino da língua como a impressão de impressões, e dependendo do viés que se dá ao tratamento das informações e conhecimentos, poderá obter-se como fruto um perfil ingênuo ou crítico de jovens e adultos que pensem as narrativas sobre o lugar onde vivem como algo dado ou algo realmente construído e implementado por alguém.

Neste sentido, o governo local exalta o sentimento de pertencimento da população ao lugar amazônico (Acre). É nesta torrente de impressões e resgates que o discurso e as imagens se assentam, num representar que

(...) significa uma vez e ao mesmo tempo, trazer presente as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e de uma integridade normativa do grupo. É, portanto, muito importante que isso se dê de forma comunicativa e difusiva, pois não há outros meio, com exceção do discurso e dos sentidos que eles contêm, pelos quais as pessoas e os grupos sejam capazes de se orientar e se adaptar as tais coisas (Moscovici, 2013, p. 216).

E assim, o Estado do Acre está envolvido por uma atmosfera que reforça as ideias sobre as vantagens de viver aqui, no “pulmão do mundo”, num dos lugares de maior biodiversidade do planeta. Lugar que se torna mote para diversas atividades e ações educativas com a intencionalidade de semear e ver frutificar nos educandos este sentimento de orgulho e pertencimento.

AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DOS CRONISTAS EUROPEUS SOBRE A REGIÃO AMAZÔNICA

Este texto é a expressão modesta de uma reflexão sobre essas impressões causadas aos colonizadores pelo imaginário amazônico propagado até então entre os europeus, numa tentativa de reconstrução a respeito do que foi e ainda é a Amazônia vista a partir de um ponto de referência menos crítico e problematizador.

A Amazônia, formulada e descrita segundo as obras de alguns dos seus primeiros narradores, selecionados a partir de um interesse particular do autor do artigo, demarcam um recorte que exclui muitas obras literárias que poderiam ser lidas e resenhadas, porém, para a elaboração de um estudo ou pesquisa bibliográfica, há os limites das questões de exequibilidade em virtude da organicidade da escritura do texto, tendo em vista que a literatura sobre a Amazônia é vasta e as possibilidades de interpretação são incontáveis.

Portanto, os textos utilizados aqui como ponto de partida e de continuidade, pertencem a autores e a intérpretes de autores, fazedores de registros ou tradutores dos registros que imprimiram a sua marca durante a produção e divulgação destes, pois, participaram ativamente da construção das primeiras narrativas que se tem sobre o Brasil e a Amazônia, abordando o tema sob a perspectiva da exploração, do enfrentamento daquilo que até então era desconhecido pela sociedade europeia dos séculos XIV, XV e XVI, e posteriormente pela sociedade brasileira, por volta do final do séc. XIX e início do XX, consistindo em material bibliográfico rico para o entendimento dos professores de Língua Portuguesa sobre a construção das narrativas sobre o lugar Amazônia.

A AMAZÔNIA “DESABITADA E INCIVILIZADA”

Há registros que apontam que já no século XVI a região denominada de Amazônia, tanto no Peru, quanto no Brasil, assim como em outros países próximos, receberam colonizadores da Espanha e de Portugal a fim de realizarem registros de observações por meio de relatos escritos sobre as particularidades e riquezas do lugar.

Segundo Ugarte (2009), apoiado pelas observações do etno-historiador Antonio Porro (1992), a expedição de Alonso Mercadillo em 1538, foi a primeira a enveredar pelo território da Amazônia, sendo seguida pela expedição de Diogo Nunes, que adentrou na região por volta de 1553, apresentando ao rei de Portugal, os primeiros relatos resultantes de suas andanças por essas terras.

As diversas narrativas foram formuladas, cada uma a maneira de seu autor, abordando com detalhes o lugar Amazônia, considerando-o um lugar desabitado, sem civilização, tendo em vista que na visão do visitante/explorador, essa região desconhecida era potencialmente rica de possibilidades de exploração comercial, além de guardar todo um misticismo (sobre as Amazonas) que justificou em parte os motivos reais para sua exploração.

Essas narrativas obviamente concentraram-se no ponto de interesse de cada conquistador, pois, intencionavam ver algo, buscavam algo para ser evidenciado, pois, não eram homens sem objetivos. Empreenderam tais viagens não apenas pelo gosto de encontrarem-se com o desconhecido. Foram homens escolhidos, apontados por sua capacidade e credibilidade perante os poderes instituídos em cada época e em cada contexto político/econômico/cultural da Europa.

Tanto para os antigos quanto para os mais recentes cronistas, o encanto pela floresta e sua exuberância foram os pontos centrais das narrativas, embora que, sob a perspectiva do conquistador, a região sempre necessitou de intervenções humanas no sentido melhorar suas imperfeições e apurar as condições físicas para que os exploradores pudessem realizar seus feitos com mais eficiência.

O homem amazônico (o caboclo), assim como, o indígena, considerado habitante natural, também foram alvos de observações que apontaram características de imperfeições, embrutecimento, ignorância e distância com relação ao mundo civilizado e quase “perfeito” do europeu explorador.

Sob o ponto de vista desses cronistas da civilização, esse homem (indivíduo) foi considerado como um ser desprovido de capacidades humanas a ponto de alimentarem-se de comida crua e possuírem hábitos inferiores e bem diferenciados do que era conhecido e aceito pelos cidadãos civilizados (Porro, 1992).

Alonso Mercadillo, Diogo Nunes, Gonzalo Pizarro, Francisco de Orellana, Gonzalo Fernandez de Oviedo, Frei Gaspar de Carvajal, Mauricio de Heriarte, dentre outros, imprimiram em seus relatos uma condição épica dos seus feitos, pois, nos escritos estão registrados que as condições de suas viagens eram adversas, perigosas, porém, a superação das dificuldades eram o resultado da sua fé cristã e fruto do esforço despendido para a realização de uma obra ou missão divina.

Nas narrativas, as descrições foram realizadas em conformidade com o universo vocabular e contextual dos autores. Sendo assim, por exemplo, as lhamas do Peru (em Diogo Nunes) foram comparadas às ovelhas europeias, os macacos (em Carvajal) parecidos com gatos, tudo feito com requintes descritivos para que suas narrativas fossem bem compreendidas e admiradas pelos seus interlocutores, principalmente por quem estava financiando essas aventuras (Ugarte, 2009).

Estes cronistas estavam mergulhados em uma concepção de mundo católica, vinculada a crenças sobre animais diabólicos, presságios e pragas, por um lado. Por outro, eram dominados pelo utilitarismo e pela ganância de encontrar riquezas e tomar posse de algo que “não tinha dono”, que pertenceria a quem chegassem primeiro.

Os hábitos europeus do séc. XVI, conforme as informações dos primeiros narradores, vinculavam-se à ideia de superioridade do homem sobre a natureza. Isso ficava bem demonstrado através dos hábitos de vida dos aristocratas do mundo civilizado, que cultivavam belos jardins em seus palácios e valorizavam a polidez e a educação no trato. Tudo muito diferente do “novo mundo” descoberto pelos homens enviados como exploradores das terras recém “adquiridas” ou tomadas de assalto como bens sem dono (Cunha, 2009).

O interesse no clima, a fisiologia dos nativos, o alimento, os costumes, as espécies animais e vegetais, a possibilidade de encontrar metais preciosos, tudo foi narrado, foi descrito detalhadamente, e dependendo das intenções do narrador, temperado com doses de heroísmo que exaltavam a importância do feito ou que confirmavam a necessidade de investimento nesta ou naquela expedição.

O PADRE PARRISIER: MENSAGEIRO DA CIÊNCIA E DA FÉ

A referência ao Padre Parrissier aparece em virtude de ter conseguido construir uma narrativa que tece uma imagem muito difundida sobre que tipo de homem esse indivíduo amazônico era visto, não apenas fisicamente, mas, sobre como eram suas características comportamentais, hábitos e formas de ver as coisas ao seu redor (Ugarte, 2009).

A narrativa de sua viagem pelo Rio Juruá até chegar ao seu destino, aborda com detalhes as situações vivenciadas, os tipos humanos com os quais teve contato direto e indireto, principalmente dentro da embarcação, durante o percurso pelo rio.

Por mais que quisesse ser gélido, impassível, analista e observador, há narrativas que impressionam, pela singeleza e pelos usos dos vocábulos e expressões de sua época, pelo jogo de palavras, combinação e percepções imagéticas de formas discursivas do lugar.

A narrativa deste padre desencadeou uma construção mental assemelhada a um filme que passa diante de quem a lê, deixando fragmentos que se fixam e adornam as construções simbólicas já mobilizadas, tendo em vista que, antes de ser um aprendiz na arte de interpretar discursos, o leitor também passa a ser um participante eficaz no exercício de viver e de construir alocuções sobre os contextos vivenciados pelo cronista.

A narrativa de Parrissier sobre o Rio Juruá é realizada com riqueza de detalhes. Esses registros em sua forma e conteúdo são convincentes e demonstram que o autor era detentor de um conhecimento científico (cartográfico) profundo, pois, chega ao ponto de questionar e propor novas coordenadas anteriormente desenhadas nos mapas e atlas elaborados por outros que o antecederam.

A partir disso pode-se inferir que este homem, assim como tantos outros, não estiveram perambulando pela Amazônia sem uma intenção anterior que justificassem seus feitos. Seria coincidência andar por cá um padre que dominava com maestria a ciência cartográfica e deter conhecimentos que ultrapassavam em muito os seus conhecimentos específicos sobre a sua doutrina e a sua fé?

E com relação ao domínio do idioma local e ao preparo quanto a suas formas de estabelecer a comunicação direta com os mais diferentes tipos amazônicos? E a sua capacidade de organizar registros, diários e observação daquilo que de fato lhe interessava ou chamava atenção?

O relato do padre tem a aparência de uma espécie de fusão entre sua personalidade cristã de sacerdote, sua racionalidade apurada de um homem de ciência, acrescida com uma pitada de crença no fantástico mundo das histórias disseminadas pelos caboclos nativos dos lugares por onde passou.

Em seu texto *Seis Meses no País da Borracha, ou Excursão Apostólica ao Rio Juruá* (PARRISSIER, 1898), ao final de uma exposição detalhada sobre as coordenadas e limites de diversos rios, inclusive o Juruá, registra que a origem deste deu-se a partir do que lhe foi narrado sobre a lenda da Cobra Grande.

Na obra citada, são descritos em detalhes o tipo de embarcação em que fez sua viagem, a carga com os mais diversos tipos de provisões, inclusive bois vivos que serviram como alimento durante o longo percurso, seus diálogos com a tripulação, os instrumentos musicais que foram levados à bordo para a diversão durante a longa viagem, as aparências dos tipos mestiços e seus mais diversos tipos de temperamentos, sempre tendo como referência o ideal cristão ou modelo de homem baseado pelo tamanho de sua crença e no que manifestava de bondade ou maldade para com os outros.

Descreve com minúcias os troncos de árvores (balseiros), chamados pelo narrador de traidores, pois ofereciam perigo e ameaça à embarcação em alguns trechos do rio. Descreve a pesca abundante, as paisagens, os dias e as noites, até aportar e concluir o trecho de navegação, quando sua narrativa começa a descrever a terra onde pisa e todas as relações que a partir dali começa ter. Afinal, para os caboclos e para o próprio narrador, o mesmo estava ali a serviço e sob as determinações de Deus

No trecho em que se refere à sua chegada ao destino, antes do início da desobriga¹, o padre descreve como foi bem recebido pela população, a simplicidade, os detalhes da construção (barracão) em que foi abrigado e a quantidade de bênçãos que teve de distribuir para homens, mulheres e crianças.

Além dos sacramentos, como o batismo e o casamento, o padre conta que se deparou com diversas pragas, segundo seus escritos, dentre estas, os piuns, as carapanás, a dança e a sanfona que o infernizavam durante dias e noites. Um prato cheio e bem farto para quem afirmou em seus escritos que era *preciso uma certa dose de sofrimento para poder ser missionário*. Afinal, onde estaria seu mérito perante o criador?

Outras características do lugar descritas com interesse pelo padre Parrissier, eram as da decoração das casas. Nestas, as paredes eram ornadas com fotos de santos rodeados por propagandas e rótulos de produtos trazidos da Europa, tudo isso organizado como se as propagandas tivessem relação direta com as imagens, demonstrando a ignorância do caboclo com relação às coisas trazidas pelos estrangeiros e homens da cidade.

Essa narrativa e sua riqueza de detalhes não demonstra ser inocente ou desprovida de significados diversos. Para quem o padre estaria abrindo caminhos? Por que tanta minúcia? Quem precisava dessas informações e por quê?

O Padre Parrissier cumpriu com o seu papel de construtor e reforçador do imagético sobre o lugar Amazônia. Trouxe consigo o que outros já haviam narrado e deixou para outros os elementos necessários para a continuidade dessa construção discursiva.

Suas intenções e objetivos obviamente foram alcançados, tanto é que seus registros são permanentemente reeditados e tidos como fundamentais nessa teia de narrativas que fundaram, nomearam e deram forma ao lugar Amazônia.

1. Ação e trabalho do sacerdote.

OS CRONISTAS DA MODERNIDADE: SANITARISMO E ARTE/CULTURA

Tanto as viagens e narrativas dos primeiros cronistas que se aventuraram pelo território físico e imagético amazônico, quanto as que foram realizadas posteriormente pelo padre Parrissier e outros contemporâneos, se tornaram motes para a construção de uma “nova” visão ou discurso sobre o lugar Amazônia nas duas primeiras décadas do séc. XX.

Euclides da Cunha, autor consagrado desde a obra *Os Sertões* (Cunha, 2000), foi um dos que já na modernidade compuseram o imaginário amazônico a partir da exuberância da floresta, dos tipos humanos característicos da região e das relações desiguais que permeavam o convívio social nos lugares onde aportou.

Realizou observações importantes sobre os antigos cronistas, porém, embora criticando, reforçou a ideia de um lugar enigmático, estranho, imenso e misterioso, para não usar e abusar de outros atributos e adjetivos. Segundo Lima (1999), embora os aspectos narrativos de Euclides estivessem mais baseados pelo olhar da ciência, o cronista não abriu mão das suas impressões sobre o fantástico e a exuberância da natureza.

Euclides da Cunha enveredou pelo território amazônico com a responsabilidade de reconhecer o Alto Purus como chefe de uma comissão, mas, seus registros ultrapassaram as fronteiras de um texto meramente documental. Suas descrições influenciaram intelectuais que o utilizaram, inclusive para criticar o modo como viu e relatou a região.

Seus registros deram origem a outras explorações de cunho científico e cultural, como foi o caso da viagem empreendida por Carlos Chagas, responsável direto pelo Instituto Oswaldo Cruz e a de Mário de Andrade como representante do movimento de arte modernista, da década de 20.

Segundo Lima (1999), o imaginário sobre a Amazônia em Euclides e nos que seguiram suas trilhas, como foi o caso dos cientistas, médicos e poetas, está composto pela grandiosidade da natureza em relação à pequenez e fragilidade do homem que a habitava em seu tempo.

A construção imagética de lugar desafiador, em Euclides, embutida na visão científica dos expedicionários sanitários, reforçou para toda a sociedade do Sul que a Amazônia, de fato, era um lugar que deveria ser alvo de políticas públicas que atendessem às demandas do homem, com propostas de saneamento e cura para as doenças epidêmicas características da região.

Em Euclides percebe-se que o nordestino (sertanejo imigrante) apesar de ser forte e vigoroso, estava sujeito à malária e às péssimas condições sanitárias do lugar Amazônia, por isso, a necessária e urgente intervenção científica.

Diferentemente dos aspectos observados por Euclides e Carlos Chagas com o intuito de conhecer as faces da cultura da região Amazônica, o modernista Mário de Andrade empreendeu uma viagem que, junto com outras a Minas Gerais e ao Nordeste, frutificaram em tentativas de reconhecer e redescobrir o Brasil sob o ponto de vista de seus traços culturais.

A obra *O turista Aprendiz* (Andrade, 2005), está impressa com o conteúdo sobre as admirações do autor quanto a cultura dos trópicos. O autor manifestou as suas impressões com outras Regiões Brasileiras, visitadas com o propósito de obter informações sobre o desconhecido mundo cultural nacional, de reconhecer culturalmente lugares ainda considerados remotos pela sociedade burguesa da época e por satisfação de sua intelectualidade ávida pela construção de uma identidade artística que o diferenciasse dos padrões artísticos europeus.

O *Turista aprendiz* possui aspectos que denotam a influência da visão (representações) sobre a Amazônia com base nas narrativas dos primeiros cronistas europeus e as impressões dos primeiros viajantes.

Mário de Andrade, em suas observações, questionou e comparou o modelo civilizado baseado em costumes sociais europeus aos costumes das regiões tropicais que visitou. Fez observações sobre as intervenções dos cientistas (médicos) evidenciando a valorização dos hábitos excessivos de higiene e ao volume de enriquecimento dos agentes ligados ao fabrico e venda de medicamentos para os habitantes dessa região.

Sua crítica evidenciou um profundo desejo de libertar o Brasil das amarras da cultura valorizada pela Europa. Andrade se aproximou da narrativa euclidiana, mesmo percebendo aspectos preconceituosos em sua descrição sobre as características do homem do lugar.

As impressões de Euclides da Cunha e dos viajantes “desbravadores” não foram descartadas ao todo por Mário de Andrade, mas utilizadas para um diálogo sobre as representações que envolvem o mundo amazônico e sua leitura e construção de uma proposta modernista e nacionalista de arte/cultura como um esforço claro de criar independência com relação aos padrões europeus de sua época.

ANA PIZARRO E A OBVIDADE DO JÁ DITO

No final do século XIX e início do XX, a exploração da borracha é o grande mote para as elaborações discursivas sobre a Amazônia, afinal, o látex e o caucho já haviam chamado a atenção dos viajantes desde os primeiros séculos da exploração e daí surgiram os personagens nativos que vão permear as histórias e os relatos sobre a tráfico das riquezas naturais da terra: o seringueiro e o cauchheiro.

O cauchheiro, segundo as descrições de Pizarro (2012), corta a árvore para extrair a resina, desmata, danifica o ambiente, é um predador. Já o seringueiro pratica uma forma diferente de exploração: traça cortes nas árvores, uma espécie de risco em que a seiva da planta escorre e é retirada de tempos em tempos sem maiores danos. E sua relação com o meio é diferente: estabelece uma relação com o lugar de fixação e cultivo produtivo de subsistência. Assim, segundo Pizarro (2012), o primeiro devasta e deixa um rastro de destruição, o segundo retorna para extraer o produto sem prejuízo das árvores. Há sim uma diferença evidente entre as duas formas de exploração.

A partir dessa extração do látex, ainda segundo a autora, houve toda uma reorganização do espaço social em torno dos seringais onde os trabalhadores passaram a se enraizar nos locais de exploração e a desenvolverem outras práticas, como cultivo e pesca de subsistência, nos períodos de intervalo de coleta da borracha.

Numa relação injusta, o produto da coleta do látex, segundo Pizarro, era dividido entre o seringueiro e o patrão, dono do seringal, numa proporção de 50% do valor de mercado para o seringueiro e os outros 50% como lucro bruto, acrescido dos lucros com a despesa que o seringueiro fazia para comprar do patrão os itens necessários para a sua subsistência, o que gerava uma dívida infinita e impossível de ser saldada.

Nesse processo produtivo, houve a importação da mão-de-obra vinda do Nordeste Brasileiro, considerada por Pizarro como semiescrava, tendo em vista as péssimas condições de trabalho nos seringais, e sua relação de dependência para com o “aviador” (responsável pelo transporte da produção da borracha) e o movimento de venda do produto para os grandes comerciantes.

Ainda segundo a autora, o processo de exploração da borracha apresentou momentos distintos. O primeiro ocorreu a partir de 1530 com a exploração da mão-de-obra indígena, liderados por Colombo e Pedro Martir de Anglería. O segundo deu-se na Inglaterra por volta de 1770, o terceiro e o quarto em Paris, na França, por volta de 1803 e 1839, e o quinto, nos Estados Unidos com a invenção do pneu já na metade do século XIX.

Em Pizarro, observa-se que o discurso da borracha, definidor da história amazônica na modernidade, tem na realidade várias vozes. O discurso como personificação de todo o imaginário que o circunda, está demarcado por várias situações ocorridas, não de forma linear, mas, a partir de situações aleatórias ocorridas em vários momentos e em lugares diferenciados, algumas coincidentes, outras, não.

A exemplo disto, pode-se observar os aspectos já narrados com relação à extração da borracha nos seringais e os diversos movimentos criados entre os conviventes na composição do cenário produtivo.

Outro cenário bastante rico no sentido de perceber as tramas discursivas compostas no desenrolar dessa história sobre a borracha, sobre a região amazônica e que faz parte dessa composição, é o cenário da cidade de Manaus.

A sociedade manauense com aspectos e ares europeus em plena floresta, com suas construções luxuosas e opulência nos hábitos de vestimenta e comportamento típico das famílias mais abastadas, ainda em Pizarro (2012), evidenciaram o progresso e a modernidade alcançados através da riqueza gerada a partir da exportação do látex, porém, manifestaram a continuidade de uma construção imagética sobre a Amazônia iniciada desde a chegada dos primeiros europeus. Isto significa que a Amazônia continuou sendo composta pelos seus narradores.

Há em tudo isso uma espécie de fio condutor que num crescendo vai compondo as imagens discursivas. Vai recheando de impressões de novos ares e acrescentando personagens às relações produtivas e imagéticas do lugardo lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre as condições em que os discursos e imagens sobre o lugar Amazônia foram construídos e produzir o próprio discurso sobre o lugar, mais do que nunca é estar mergulhado no universo vocabular das comunidades educativas das escolas públicas de Rio Branco/Acre.

Neste sentido, ser professor de Língua Portuguesa neste ambiente escolar amazônico é estar consciente sobre a formação e transformação dinâmica da língua e a composição dos gêneros discursivos a partir disto.

A preservação ambiental, por exemplo, tornou-se uma narrativa comum no exercício da profissão de professor. É uma construção feita a partir das impressões de outros que também assim o fizeram.

Esta sensação de reproduzir um discurso dado e ou construído por vários cronistas, desencadeia um anseio no qual a percepção de ser um mero repetidor causa uma estranheza, porém, alerta para a possibilidade de recriação de um discurso próprio, crítico e consciente do que é ser e estar em um lugar que está sempre em evidência no cenário político e econômico mundial, desde tempos remotos.

Nesse diálogo com os textos utilizados para a escrita do artigo, pode-se olhar para dentro, descobrir-se como alguém que ainda possui a capacidade de rever posicionamentos, torcer e distorcer percepções sobre o lugar Amazônia e poder redizer os tantos ditos e falados.

Diante dessa lucidez causada pelo estudo das condições históricas de construção de um discurso, muda-se a postura, deixa-se de ser um mero expectador. O professor diante disso deixa de ser ingênuo, um reproduutor de imagens.

É preciso provocar novas leituras sobre esse lugar Amazônia, incentivar o ímpeto e a provocação na tentativa de também torcer o sentido dado das coisas trazidas e carregadas pelos alunos como imagens de Amazônia, de lugar, de homem amazônico.

A leitura de Antonio Porro, Mercadillo, Diogo Nunes, Gonzalo Pizarro, Francisco de Orellana, Gonzalo Fernandez de Oviedo, Frei Gaspar de Carvajal, Mauricio de Heriarte, Padre Parrissier, Euclides da Cunha Mário de Andrade, Ana Pizarro e tantos outros, elucidaram o caráter e a importância do estudo sobre a Língua Portuguesa e os discursos vigentes.

Esses narradores estavam a serviço de outros e de si mesmos, mas compuseram e compõem o imaginário discursivo da Amazônia. Estão todos vivos e pulsantes. Não há como apagar essa memória, mas questioná-la e refazê-la por meio do ensino.

As linguagens, as sociedades e as diversidades existentes no lugar Amazônia são incontáveis, imensuráveis. O desdobramento não linear na construção das narrativas vão cada vez mais tornando-se complexas à medida em que os narradores avançam no tempo e adquirem a capacidade de ampliar suas percepções. Nós somos estes novos narradores!!!!

Conclui-se assim, que os primeiros narradores abordaram aspectos mais relativos ao discurso cristão de sua época com suas imagens de paraíso ou inferno. Os posteriores ou mais modernos inseriram em seus textos aspectos do pensamento racional, tanto científico quanto artístico, desta forma, mais e mais detalhes foram sendo acrescentados às narrativas sobre o lugar Amazônia.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. Brasília, DF: Iphan, 2005.
- CUNHA, Euclides. **Um paraíso perdido**: reunião de ensaios amazônicos. Coleção Brasil 500 anos. Brasília: Senado Federal, 2000.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Tastevin, Parrissier**: Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.
- LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e a representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ, 1999.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: Investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2013.
- NASCIMENTO, A. D., FIALHO, N. H., and HETKOWSKI, T. M. (Orgs.) **Desenvolvimento sustentável e tecnologias da informação e comunicação**. Salvador: EDUFBA, 2007.
- PARRISSIER, Jean-Baptiste. "Seis meses no país da borracha, ou excursão apostólica ao Rio Juruá, 1898", pp. 01-60. In CUNHA, Manuela Carneiro da. (org.). **Tastevin, Parrissier**: Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.
- PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio. Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- PORRO, Antonio. **As crônicas do Rio Amazonas**: notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1992.
- SCHEIBE, Cristina. **Mulheres da floresta**: uma história, Alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.
- UGARTE, Auxiliomar Silva. **Sertões de Bárbaros**: o mundo natural e as sociedades indígenas na Amazônia na visão dos cronista ibéricos – séculos XVI/XVII. Manaus: Valer, 2009.